Computador 2 em 1 Aspire 3 Intel Core i3 Windows 11 Home
Tela Full HD, 14 polegadas, antirreflexo, ultrafina e leve
acer
SUA TIVOLI, MYBOY, SZUKAJĄ POMYSŁU NA PREZENT
Tivoli Audio

FERNANDO MACHADO

Polônia vive 'guerra fria' entre mulheres progressistas e homens de extrema direita, diz sociólogo

Para Rafał Pankowski, radicalização do governo e Igreja faz crescer masculinização

ENDOMARKETING

Ana Estêvão de Sousa Pinto

MUNDO Conflitos entre progressistas e grupos de extrema direita crescem por aí, mas como "guerra fria" que se aprofunda há cinco décadas na Polônia, diz o sociólogo e cientista político Rafał Pankowski, 46, presidente da associação antirracista Nunca Mais.

Mais que a tradicional divisão entre esquerdistas progressistas e um inimigo rural conservador, o país possui por outro polarização que vem ao fazer compreender de gênero, principalmente entre os jovens, diz ele.

Os homens formam o eleitorio dos grupos de extrema direita, que atualmente encontraram a criação de milícias e colocaram pela primeira vez o partido radical Confederação no Parlamento.

As jovens, por outro lado, são o motor dos movimentos progressistas, que nos últimos dias conduziram a frustração amplo contra a radicalização do governo e da Igreja Católica em temas que vão muito além da legislação antiaborto, segundo o sociólogo, um dos principais estudiosos sobre a extrema direita no país.

Por Varsóvia, Pankowski falou com a **Folha** por Skype sobre o que os protestos feministas têm de novo, que resultado podem obter e o que se espera da atual polarização política na Polônia.

Um homem e uma mulher com performance durante protesto contra restrições ao aborto na Polônia
Sławomir Kamiński - 15 nov.2017/Agência Gazeta via Reuters

Anuncie aqui

Os extremistas que atacaram feministas são movimentos organizados ou grupos espontâneos? Muito se fala sobre grupos organizados formam um número preocupante de ataques, incluindo contra imigrantes, e que não é comum na Polônia, não apenas em Varsóvia, mas em vários cidades. E homens grupos que se juntaram especificamente contra as manifestações.

Desde as atuações de Igreja? O ataque às igrejas foi muito mais simbólico que concreto, mas a defesa da igreja foi um poderoso cri2 para mobilizar mais gente. Robert Bakiewicz, presidente da Associação da Marcha da Independência, conseguiu se impor como o novo dono supostos movimentos de defesa das igrejas. Já faz anos que vem grupo ago contra movimentos progressistas, e agora eles anunciaram a formação de uma unidade paramilitar, chamada Guarda Nacional. A ONR, outro grupo, também anunciou suas Brigadas Nacionais.

São milícias armadas? Esse é o ideia. Não creio que sejam armas pesadas, até agora não houve incidentes, mas alguns dessas grupos têm experiência em treinamento paramilitar. Outra corrente menos organizada mas muito importante são as torcidas de futebol. Os hooligans são os mais violentos e houve os que atacaram jornalistas, por exemplo, nos últimos dias.

Os hooligans atacam só pela violência ou há motivos ideológicos? Existe consenso de se engajarem em uma violência, mas há também motivação ideológica. O ambiente das torcidas é fortemente infiltrado pela extrema direita nacionalista. A marcha de 11 de novembro começou como algo pequeno há dez anos e se tornou algo imenso ao ano passado, com mais de 100 mil pessoas de todos os lugares da Polônia. Se você olhar, a grande maioria é formada por nacionalistas.

Existe um perfil claro dos hooligans? São homens jovens das classes trabalhadoras? O perfil é um pouco mais complexo em relação à classe social, mas, em termos gerais, é isso. Além disso, o partido governante, Lei e Justiça (PiS), é muito de direita.

Rafał Pankowski, sociólogo e cientista político polonês - arquivo pessoal

Quanto de direita? Se 1 for o mais progressista e 10 o mais nacionalista em termos de costumes, onde está o PiS? É bastante subjetivo, mas eu diria 8. Começou como um partido conservador igual aos outros, mas se moveu para a direita nos últimos anos, radicalizou-se, e, em parte por decisões pessoais de seu líder Jarosław Kaczyński, é preciso grupo radical no mais liberais dentro o partido.

Mas há partidos ainda mais de direita, como o Confederação, não, o Confederação é basicamente como o apoiou. Somem 11 pontos e agora não vai passar do limiar. Na Polônia há uma nova dinamica de gênero, que eu queria saber mais sobre, principalmente entre os jovens. Os homens são mais de direita, ou até de extrema direita, enquanto as mulheres jovens, como se vê pelos protestos, se não são de esquerda são muito mais progressistas.

Qual a força das mulheres? Os protestos recentes são muito especiais não só pela escala, mas porque aconteceram em centenas de cidades pequenas que muito raramente atividade política. O aborto foi a razão inicial, mas há uma insatisfação acumulada contra a tendência autoritária dos últimos anos, principalmente depois da campanha extremamente homofóbica na última eleição presidencial, em julho.

O presidente Andrzej Duda foi uma campanha homofóbica e foi reeleito justamente devido à força nos rinhedos pequenos. Por que esse descontentamento não alcança na eleição? É de fato um paradoxo. Mas acho que em parte foi eleição com a pandemia, sem ela chegou, o governo corria mais cedo. Agora fomo claro que a covid-19 não está banida, e muitos não entendem por que não podem ir para igreja ou para o casamento. Mas, em geral, acho que eleitores de oposição que votaram nele. Há muito ansiedade sobre o futuro, não necessariamente direcionada a saúde, mas à economia, que é um contexto importante dos protestos. A mobilização de vários fatores cria esta nossa crítica especial.

Manifestantes protestam contra decisão judicial que praticamente baniu o aborto legal na Polônia
Clemens Bilan/Agence France-Presse

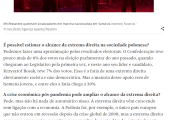
Há conciliação viável entre as forças progressistas e as de direita? Não há esse espaço nem aperto para diálogo, a polarização neste momento é muito intensa, existe como a divisão da sociedade.

Se os manifestantes dizem que não vão parar enquanto o governo não devolver direitos às mulheres, a extrema direita está criando milícias e não há chance de conciliação, os polarizam caminham para um grande conflito? Sim, é de esperar. O conflito já está muito intenso em palavras e atitudes, e a hostilidade já nessa violência nos alguns momentos. Não houve mortes, mas há medo de que a agressão escale. Não preocupação legítima, e não espero solução rápida, porque há raízes profundas em outros níveis. Há uma "guerra fria" dentro da sociedade polonesa que vai durar muitos anos.

Que resultado espera dos protestos progressistas? No futuro próximo, não diversos vez grandes mudanças. Você vê um impacto significativo na longo prazo, porque esta é a socialização política dos mais jovens, uma experiência importante, que pode contribuir para mudanças sociais e culturais.

Os manifestantes adotaram uma linguagem agressiva, com slogans como "Kaka-se". Há um objetivo político? A linguagem é de fato forte, e isso também é novo. Em parte é inspirada em manifestações de mulheres na França, em campanhas contra violência e Mulo de Nível Francs. Este é o nosso Mulo de Ob, um novo vocábulo descobrindo na Polônia. Outra novidade é a hostilidade ou a crítica aberta contra a Igreja.

Parte dos progressistas é também católica. A Igreja Católica na Polônia é manelhicamente pró-direita? Ou há divisões? No caso 1990 havia vozes mais progressistas e mais conservadoras, mas nos últimos dois décadas a Igreja adotou uma linha mais e mais dura, quase se confundindo com a mensagem da extrema direita. Não há mais espaço para vozes progressistas dentro da Igreja. Isso começou com a radicalização da ala mais católica, depois sob João Paulo 2º, e não com os poderosos na política, que muito estão preferindo boa parte do respeito que tinham na sociedade.



Profissionais queimam vestuários em marcha nacionalista em Varsóvia (Polônia), Sexta (11 11 nov.2021/Agência Gazeta/Reuters

É possível estimar o alcance da extrema direita na sociedade polonesa? Podemos fazer uma aproximação pelos resultados eleitorais. O Confederação teve pouco mais de 6% dos votos na eleição parlamentar do ano passado, quando chegaram ao legislativo pela primeira vez, e neste ano seu líder e candidato, Krzysztof Bosak, teve 7% dos votos. Esse é a fatia de uma extrema direita abertamente contra a ordem democrática. Mas o número deve ajudar cresa do homem jovens, e entre eles a fatia chega a 10%.

A crise econômica pós-pandemia pode ampliar o alcance da extrema direita? Pode, mas não foi mola de ascensão nisso. A extrema direita vem crescendo sem ligação com a economia. A Polônia foi, por exemplo, o único país europeu que não entrou em recessão depois da crise global de 2008, mas a extrema direita cresceu mesmo assim, e continuou se ampliando nesta década, principalmente depois de 2015.

Por causa dos refugiados? Sim, mas eles [a extrema direita] criam problemas artificiais, que é exatamente o caso dos refugiados. É um número muito pequeno na Polônia, mas a extrema direita é hábil em criar uma ameaça imaginária, com muito apelo principalmente entre os mais jovens. 60% dos jovens poloneses são contra acolher refugiados, fundamentismo é outro exemplo desse mecanismo de "othering" [eleger outros como objetos] e estigmatização de minorias. A comunidade judaica na Polônia é mínima, mas eles usaram para a Confederação e para a campanha de reeleição do presidente Duda.

A Confederação pode ter conseguido 6% ou 7% dos votos, mas seu impacto no político é, na verdade, maior, e isso assustou o partido governante, empurrando seu discurso mais para a direita.

As pesquisas mostram que o PiS perdeu popularidade [em novembro, 33% declaravam votar no partido, uma queda de 13 pontos percentuais em seis meses]. A tão para a direita deu errado? Não calculam que houvesse alguma perda, mas provavelmente não expressam exação acima uma nove ligas de 2021.

PERFIL

Rafał Pankowski, 46

O sociólogo e cientista político polonês chefe a associação antirracista e antifascista Nunca Mais. Estudou política, filosofia e economia na Universidade de Oxford e ciência política na Universidade de Varsóvia, onde se doutorou. É coordenador do Centro para Monitoramento de Racismo na Europa Oriental, professor da universidade polonesa Collegium Civitas e vice-editor-chefe da revista antifascista Nigdy Więcej (nunca mais).

receba notícias da folha
Digite seu e-mail
relacionadas
Nunca esbolsou 1 centavo, diz Bolsonaro ao Mano Brown sobre caso sem provas envolvendo ex-mulher
Presidente afastado do Peru é preso após protesto contra governo temporário de Dina Boluarte no Congresso
EUA, Reino Unido e UE endurecem sanções à China por ofensiva econômica em Hong Kong
Mudanças trazem "boa notícia" para o clima, mas extensão ainda é incerta
Mudanças 16
Publicado em 15/11/2021
Zeuglí swoje miejsce wiatrów 16
ZNAJDŹ
Poznaj wiatrowy magazyn energii, który pozwoli zwiększyć Twój zysk nawet o 25%!
Dowiedz się więcej
veja também
Especialistas criticar depoimentos de estrangeiros em sessões da CPI
Desigualdade global estrada a disparidades de renda no mundo
Wiatrowym
Znajdź swoje miejsce wiatrów 16